

Joelmir Beting

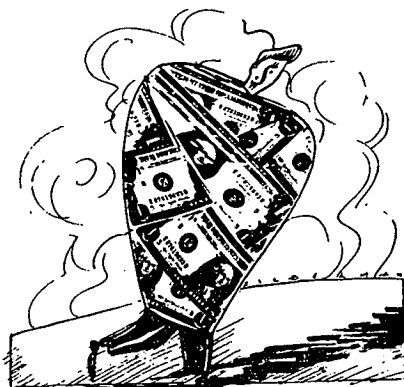
*"O tempo sempre está maduro.
O problema é saber para quê."*

François Mauriac (1885-1970), escritor francês



ESTADO DE SÃO PAULO *A camisa-de-força*

Na coluna de ontem, o economista André Lara Resende forneceu a pista para se chegar a um cruzeiro forte, antes mesmo do esmagamento da inflação e da estabilização da economia. Seria uma segunda moeda nacional, circulando juntamente com o cruzeiro real. Ela ficaria lastreada em dólares, a uma taxa fixa de câmbio, com conversão obrigatória. A emissão e o lastro seriam da responsabilidade de um "currency board" independente. Hoje, Lara Resende faz a defesa dessa proposta. De resto, já aplicada com sucesso lá fora.



□□□ Um cruzeiro forte não detonaria a rejeição do cruzeiro real? Lara Resende garante que não: a) rejeição de moeda fraca só acontece em hiperinflação aberta; b) a adoção da âncora cambial pelo atalho do cruzeiro forte elimina o risco da híper; c) o cruzeiro real está indexado ou parcialmente protegido sob a forma de aplicações financeiras — algumas com ganho real sem paralelo no mundo.

□□□ Lara Resende observa que haveria crescente indexação de contratos e de preços em cruzeiros fortes. Isso ajudaria a quebrar a memória inflacionária em cruzeiros reais. Seria uma dolarização disfarçada na moeda nacional do board. Lá na frente, inflação desmanchada, seria fixada a paridade cambial entre cruzeiro forte e cruzeiro real — com estabilização do segundo e sua posterior eliminação.

□□□ Essa hipótese leva em conta, claro, a execução já então facilitada do programa de estabilização, com suas reformas estruturais e institucionais. Então, a combinação futura de estabilidade monetária com saneamento orçamentário, num quadro de economia restaurada, daria merecida aposentadoria ao "currency board".

□□□ Quem garantiria, nesse esquema aparentemente onírico, a execução das reformas necessariamente dolorosas? A revisão constitucional não afastaria o risco de governos perdulários ou irresponsáveis. Lara Resende sustenta: o "currency board" é uma camisa-de-força que torna o ajuste fiscal obrigatório, sem opção. O governo não teria como se financiar na moeda forte, cuja emissão não é dele. E a rolagem da dívida pública, sem ajuste fiscal, perderia o que ainda lhe resta de credibilidade.